

Salários públicos vão ser os mais penalizados da UE

Choque. Trabalhadores portugueses vão sofrer a maior quebra de poder de compra da Europa

LUÍS REIS RIBEIRO

A crise global combinada com a política de austeridade total prometida pelo Governo vai atirar Portugal para uma recessão em 2011 (uma queda de 1% do produto) e empurrar o desemprego para níveis históricos. Os ordenados do privado vão estagnar, perdendo poder de compra, e o corte na massa salarial no sector público será superior a 11%, o mais violento de sempre e o maior dos 27 países da União Europeia (UE).

Estas são algumas das más notícias ontem ventiladas pela Comissão Europeia, no relatório das previsões de Outono.

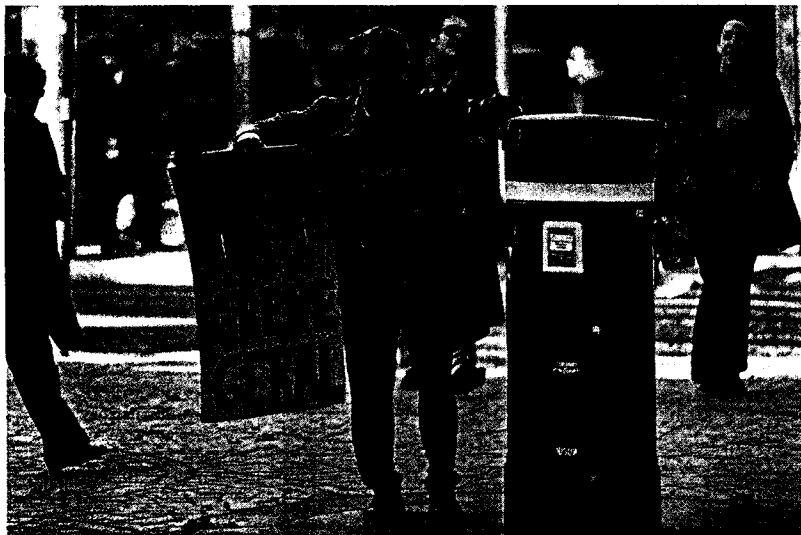
Os técnicos do executivo europeu provam o que a maioria dos economistas já avisa há muito tempo: estão reunidas as condições para que Portugal acumule, até 2012 inclusive, meia década perdida no crescimento, no emprego e no bem-estar da população.

Os portugueses vão empobrecer (cada português tornar-se-á no oitavo mais pobre dos 27 em 2012, já ajustado pelas paridades de poder de compra de cada país), enfrentarão quatro anos consecutivos de destruição de emprego e verão assistir a uma subida da taxa de desemprego para 11,1% em 2011 e 11,2% em 2012.

A subida da carga fiscal prevista no relatório afectará a esmagadora maioria dos portugueses, mas tende a pesar mais no bolso das pessoas mais pobres. O aperto ficará completo com a forte redução dos apoios sociais e o congelamento das pensões, por exemplo. Não se sabe ainda o que acontecerá com a actualização prevista do salário mínimo.

Choque salarial

É nos salários que o impacto é maior, sobretudo ao nível da função pública: o ordenado médio real dos trabalhadores portugueses (já descontado da inflação) deverá cair 3,5% em 2011, o pior valor de toda a UE. É preciso recuar até aos anos do segundo plano de ajustamento do Fundo Monetário Internacional (FMI), a 1983 e 1984, para encontrar uma degradação superior (-5,7% e -9,2%, respectivamente).



Depois dos excessos salariais dos anos 80 e 90, função pública paga a factura da crise no século XXI

A seguir a Portugal surge a Grécia, com uma perda de poder de compra salarial na ordem dos 2,3% no ano que vem.

A média nacional é fortemente enviesada pelos sacrifícios pedidos a muitos funcionários públicos, actualmente cerca de 663 mil pessoas. Bruxelas aponta para uma quebra nunca vista nas verbas para salários públicos superior a 11% em termos nominais, a maior de toda a UE. Em 2012, a razão continua com um corte de outros 2%. O Governo defende um corte médio da massa salarial na ordem dos 5%. A medida reflecte

um controlo extremo na admissão de funcionários.

Apesar do empobrecimento em larga escala, Bruxelas alerta que Portugal falhará o ambicioso plano de redução do défice público prometido. Considera que o país precisa de mais medidas de austeridade para evitar a derrapagem: o Governo defende que o défice vai melhorar dos 7,3% do PIB este ano, para 4,6% no próximo e 3% em 2012; Bruxelas arrasa esta previsão, dizendo que a economia vai fraquejar e a factura com juros explodir. Para Bruxelas, o desequilíbrio das contas públicas vai, afinal, chegar a 4,9% e subir até 5,1% em 2012. Os mercados não gostaram e a taxa de juro da dívida pública atingiu um novo recorde, 7,4%.

Bruxelas diz que PIB vai cair 1% e desemprego piorar até 11,1%

Oposição diz que Bruxelas desfez a ficção

PREVISÕES Partidos da oposição lembram que Comissão Europeia desfez o cenário macro do Executivo para o Orçamento de 2011

"O mais importante nesta fase é expressar junto do país e das instâncias internacionais que, apesar das diferenças que nos separam do PS, foi possível criar um mecanismo para recuperar a credibilidade externa", afirmou Passos Coelho quando confrontado com as previsões de Outono. Seria, no entanto, o líder parlamentar do PSD, Miguel Macedo, a considerar que Portugal precisa urgentemente de ter uma estratégia para relançar a economia e o emprego e de fazer reformas que sustentem a consolidação das suas contas públicas.

Já para o líder parlamentar do CDS-PP, Pedro Mota Soares, as previsões económicas da Comissão Europeia confirmam "o cenário irrealista" do Orçamento do Estado para 2011, considerando que as estimativas do Governo são uma "fantasia orçamental". "Tal como o CDS sempre avisou, o Governo enviou um conjunto

EMPOBRECIMENTO

Portugal perde o comboio da retoma

As perspectivas de crescimento da economia portuguesa foram despromovidas pela Comissão Europeia, mas o mesmo não aconteceu com a zona euro, região para onde são canalizados cerca de 80% das exportações nacionais. No mesmo dia em que cortou no ritmo da retoma de Portugal, Bruxelas melhorou os prognósticos de expansão da zona euro em algumas décimas, para 1,5% no próximo ano e 1,8% em 2012. O país, manietado por uma violenta consolidação orçamental, pela rarefação do crédito bancário e pelo fardo do endividamento acumulado ao longo de décadas, não conseguirá reverter o curso mais positivo das exportações numa retoma vinculada. Pelo contrário, o crescimento das exportações (5,6% em 2011 e 6,4% em 2012) será praticamente comido pelos retrocessos previstos para o consumo público (salários e gastos) e para o investimento, sobretudo o do mercado da construção. L.R.R.

de previsões que são uma fantasia orçamental. Não passou sequer um mês para que a Comissão viesse confirmar um cenário irrealista que está inscrito no Orçamento", afirmou Mota Soares.

Também o secretário-geral comunista atribuiu às estimativas da Comissão Europeia sobre a economia portuguesa o "mérito" de "desfazer por completo o cenário fantasioso" que o Governo apresentou na discussão sobre o Orçamento do Estado. Jerónimo de Sousa afirmou que os dados "não são nada de novo", mas permitem "desfazer por completo o cenário fantasioso que ainda há poucos dias foi apresentado pelo Governo durante a discussão do Orçamento do Estado para 2011".

Já José Gusmão, do BE, considerou que as previsões económicas da Comissão Europeia mostram que "já ninguém acredita" nas estimativas do Governo e defendeu uma política centrada no combate ao desemprego.

"As previsões da Comissão Europeia mostram que já ninguém no mundo acredita nas previsões do Governo a não ser o próprio Governo", disse José Gusmão. EVA CABRAL e FERNANDO MADALÁ.

Verbas para salários da função pública

EVOLUÇÃO PROJECTADA PARA 2011, EM %

